

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> . . . . .	<b>05</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> . . . . .	<b>09</b>
<b>ABREVIATURAS E SIGLAS</b> . . . . .	<b>15</b>
<b>DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS MÉTODOS DE TORTURA E DE OUTROS CRIMES HEDIONDOS</b> . . . . .	<b>17</b>
<b>O SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES E CONTRA-INFORMAÇÕES</b> . . . . .	<b>27</b>
<b>OS PRINCIPAIS CENTROS OFICIAIS DE TORTURA E MORTE</b> . . . . .	<b>41</b>
<b>OS CENTROS SECUNDÁRIOS OFICIAIS DE TORTURA E MORTE</b> . . . . .	<b>57</b>
<b>OS CENTROS CLANDESTINOS DE TORTURA E MORTE</b> . . . . .	<b>67</b>
<b>MANDANTES, EXECUTANTES E CONIVENTES COM A TORTURA E A MORTE DOS PRESOS POLÍTICOS.</b> . . . . .	<b>101</b>
<b>OS MÉDICOS E A REPRESSÃO DITATORIAL</b> . . . . .	<b>221</b>
<b>COLABORADORES, INFILTRADOS E INFORMANTES DO REGIME DITATORIAL</b> . . . . .	<b>235</b>
<b>DOS CIVIS E MILITARES AGRACIADOS COM A MEDALHA DO PACIFICADOR.</b> . . . . .	<b>253</b>
<b>A FARSA DOS ARREPENDIDOS</b> . . . . .	<b>265</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> . . . . .	<b>275</b>

## APRESENTAÇÃO

Um tempo para não esquecer, do historiador e professor Rubim Santos Leão de Aquino, vai dar muito o que falar. Gerações de estudiosos de História conhecem o professor Aquino e sabem de sua correção e eficiência. Já que agora ele mexe num vespeiro da História Contemporânea, desde os antecedentes com os Estados Unidos e o golpe de estado no Brasil, em 1º de abril de 1964, e suas ramificações para outros países vizinhos com suas dramáticas consequências.

Contém dados e informações com remissões tão corretas e completas que se torna difícil, senão impossível, contestá-las. Historiador cauteloso, criterioso e organizado, sabe, como sempre soube, do que está falando. O próprio signatário desta apresentação, como advogado de inúmeros presos, torturados e assassinados políticos, foi também sequestrado e torturado nos porões do DOI-CODI-RJ, pela ousadia de defender presos e sequestrados por crimes de consciência. Muitos outros advogados, como o signatário, também o foram. Sem medo de engano, só no Rio de Janeiro, lembra-se dos seguintes juristas, sequestrados pelos mesmos motivos: Sobral Pinto, Heleno Fragoso, Antônio Evaristo de Moraes Filho, Vivaldo Vasconcellos, George Tavares e Augusto Sussekind de Moraes Rego.

Quem atacar ou contestar o autor, poderá sentir o tiro sair pela culatra. O livro contém a assustadora lista de centenas de nomes de torturadores e assassinos. Se coubesse em um livro, poderia incluir a aterradora lista de centenas de milhares de vítimas, entre mortos, desaparecidos e a maioria de sobreviventes.

Barbosa Lima Sobrinho, pelo que li e ouvi, classificaria os nomes da lista de repressores como de partidários de Joaquim Silvério dos Reis; já a segunda lista seria integrada à dos partidários de Tiradentes.

Grande parte do que o professor Aquino afirma em seu livro está contida em documentos oficiais do Governo Norte-Americano (CIA, Departamento de Estado etc) já abertos à pesquisa; outros, em arquivos de outras ditaduras latino-americanas, especialmente da fase da Operação Condor; outros ainda nos arquivos brasileiros, que o povo cobra serem abertos como seu direito à memória e à verdade. Para muitos, seu direito a simplesmente chorar e enterrar os restos de seus mortos.

Este livro do professor Aquino, que torna inesquecível o tempo da ditadura militar, somado a outros já publicados, irá compor a enciclopédia do terrorismo de Estado, que impôs um governo de muitos generais sucessivos, cuja dúvida é se saber qual foi o pior. Com certeza só se sabe que traíram seus juramentos e sua hierarquia, estupraram e mataram não só mulheres presas, mas também suas próprias leis internacionais de direitos humanos. Fizeram o trabalho sujo para que a burguesia nacional, sócia e subserviente à burguesia internacional, intensificasse o saque ao nosso país.

São tantas e tão precisas as informações sobre as casas da morte e tantas das 310 espécies de tortura, nomes de torturadores e seus professores-chefes norte-americanos com duas dezenas de instrutores também da CIA, espalhados pelo Brasil, que dá a impressão de que alguns deles, arrependidos, violaram seu pacto de silêncio ou de morte e estão revelando dados secretos e desconhecidos da maioria da sociedade. Isto não seria novidade porque até este signatário recebeu informações anônimas, dadas por participantes arrependidos ou discordantes dos métodos de tortura e assassinatos de presos políticos. Com essas informações telefônicas e bilhetes anônimos, foi possível salvar algumas vidas e minimizar torturas. Aliás, alguns destes torturadores e assassinos já deram até entrevistas a jornalistas e até à imprensa televisiva. Tentam minimizar sua atuação ou justificá-la. Parece que buscam uma reconciliação, pelo menos com algum Deus em que passaram a acreditar, ou fingem acreditar.

Este livro é tão rico de informações, emoções e revoltas, que interessa a todo o povo brasileiro, especialmente a torturados e às famílias de mortos, desaparecidos, assim como aos próprios torturadores, assassinos e suas famílias. Estas provavelmente vão visitar psiquiatras e líderes religiosos de sua confiança. Interessa também a professores e alunos de História, Direito, Psicologia, Religião, Sociologia e Política. Júris simulados podem e devem ser organizados em todas as universidades e igrejas. Teatrólogos e cineastas têm roteiros infinitos para tentar convencer que “todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos” ou, em outras palavras, repetidas há dois mil anos: “somos todos irmãos, somos todos iguais, por que nos ofendermos uns aos outros??...”

Um tempo para não esquecer será um livro inesquecível.

**Modesto da Silveira**

Rio, 10 de dezembro de 2009

Dia Internacional dos Direitos Humanos: ONU

## LEMBRAR, LEMBRAR, LEMBRAR...

“Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder (...). E se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tenha tido consciência disto, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo - é uma primeira inversão do poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder (...). O discurso de luta não se opõe ao inconsciente: ele se opõe ao segredo (...)” (Michel Foucault).

Nosso filósofo vai nos lembrar da importância e da necessidade de não esquecermos onde se encontram os focos de poder e falar deles, apontá-los, é uma forma de resistência.

Sabemos que, ao longo da História, grupos “vencedores” vem forjando um certo modo de se narrar os acontecimentos passados. Estas narrações hegemônicas que se tornam oficiais vão forjando uma certa história onde os movimentos de resistência vão sendo ignorados, esquecidos e, mesmo, negados. Esta História Oficial, de forma perversa, unilateral e dicotômica, vai retirando do palco não somente uns atores, seus personagens, mas fundamentalmente seus sonhos, projetos e utopias.

Falamos aqui de sonhos, projetos e utopias não como forças transcendentes que estariam fora de nosso alcance. Referimo-nos a eles em um plano de imanência onde, no cotidiano, vamos forjando através de nossas práticas, novas possibilidades de estar no mundo, novos modos de viver e existir.

A História Oficial, que nos tem sido apresentada, passa, portanto, pelo crivo dos “vencedores”, pela imposição de uma verdade dos acontecimentos considerados neutros, objetivos, assépticos e invariáveis.

O que queremos afirmar – e o que nosso querido Aquino aqui neste livro vem nos lembrar – é que a esta História Oficial há que se agregar outras, muitas outras. Memórias esquecidas, tamponadas, proibidas que

necessitam, a todo momento, serem lembradas, afirmadas. É importante que as multiplicidades, as diferenças que estão – queiram ou não – em nós e no mundo possam se fazer presentes nesses acontecimentos, nessas memórias esquecidas, ignoradas, combatidas.

Aquino, nosso antigo e sempre companheiro de lutas, nesta primorosa e competente pesquisa que vem sendo realizada há mais de 20 anos, aponta para estas outras histórias. Histórias que poucos sabem; histórias que vêm sendo silenciadas; histórias sobre o terrorismo de Estado que se abateu sobre nosso país em um passado recente e que, ainda hoje, produzem efeitos em cada um de nós.

Histórias de “um tempo para não esquecer” onde, de forma didática, nos vão sendo apresentados acontecimentos que mostram como a tortura e seus mais variados métodos foram institucionalizados em nosso país. Como através da famigerada Escola das Américas produziram-se agentes confiáveis aos regimes de terror que se implantaram, nos anos de 1960 e 1970, em grande parte de nossa América Latina.

Histórias que nos mostram como, após o golpe civil-militar de 1964, foi sendo implementado e fortalecido um cruel e eficiente sistema nacional de informações e contra-informações.

Aquino, de forma crua e visceral, vai descortinando alguns dos 212 centros oficiais e clandestinos de tortura e morte criados, em especial, após o golpe dentro do golpe, o AI-5, de 13 de dezembro de 1968, que implantou a grande noite de terror em nosso país.

Além de listar estes principais centros institucionalizados – como o Serviço Secreto da Marinha (CENIMAR), da Aeronáutica (CISA), do Exército (CIE), a Operação Bandeirante (OBAN) em São Paulo e os Centros de Operação de Defesa Interna – Destacamentos de Operações de Informações (DOI-CODI) nas principais regiões militares – vai dando nome aos envolvidos direta e indiretamente com o funcionamento de tais centros oficiais de terror. Da mesma forma, nos traz alguns centros secundários – Clínica Marumbi (Paraná), Batalhão Paissandu (Ilha da Flores/RJ), dentre outros e seus responsáveis. E, pasmem, Aquino nos aponta vários centros clandestinos de tortura e morte e alguns de seus algozes. Espalhados por todo o Brasil e pouquíssimo conhecidos, passam diante de nossos olhos o CENIMAR de São Conrado (RJ), a Casa de Itapevi

(SP), a Casa dos Horrores (Fortaleza), a Fazenda 31 de Março (SP), a Casa Azul (Marabá, no Pará), a Casa da Morte (Petrópolis, no RJ), a Fazendinha (Alagoinhas, na Bahia), dentre outros.

Corajoso e com informações inéditas, este livro traz também, pela primeira vez, uma listagem de cerca de 500 pessoas envolvidas direta e indiretamente com o gigantesco aparato de repressão que se formou em nosso país. Dela fazem parte também alguns médicos legistas que, apoiando e respaldando o terrorismo de Estado, corroboraram com seus atestados de necropsia e óbito as mentirosas versões da ditadura sobre as mortes dos opositores políticos: mortos em tiroteio, atropelamento ou por suicídio.

Alguns outros médicos apontados neste livro, como Amílcar Lobo, davam assistência técnica – aos torturadores: atendiam os presos políticos antes, durante e depois das sessões de tortura para acompanhar a resistência de cada um deles.

Aquino nos relata, ainda, várias outras modalidades de apoio à ditadura civil-militar como alguns colaboradores, infiltrados e, mesmo, informantes, dedicando um item ao caso do conhecido Cabo Anselmo.

Por fim, nesta gigantesca pesquisa há um capítulo sobre os civis e militares agraciados com a mais alta comenda do Exército brasileiro, a Medalha do Pacificador que, à época da ditadura civil-militar, era particularmente endereçada a muitos daqueles que fielmente serviram ao regime de terror.

Livro necessário e indispensável para que possamos saber um pouco mais sobre tão terrível período e os efeitos que hoje vem provocando na sociedade brasileira. Livro que vai na contramão da História Oficial e que é um alerta contra as mais variadas formas de tortura, tão banalizadas e, mesmo, aplaudidas por vários segmentos sociais nos dias de hoje. Livro que é um brado contra a ignominiosa prática da tortura também defendida por alguns como um “mal menor” e, por vezes, necessário.

Livro, portanto, que não fortalece o dogma da punição, mas nos alerta sobre o silêncio e a produção do esquecimento tão habilmente fabricados pela História Oficial e por todos os governos civis após 1985 em nosso país. Livro que, como o Grupo Tortura Nunca Mais/RJ, clama pela publicização e responsabilização daqueles que praticaram – e ainda hoje continuam praticando – crimes contra a Humanidade em nome da segurança da sociedade.

Peter Pal Pelbart em seu livro Vida Capital: ensaios sobre biopolítica (2003) nos fala sobre como algumas vidas, em nome de outras vidas, podem e devem ser manipuladas, descartadas, monitoradas, encarceradas, exterminadas; podem ter seus chamados direitos suspensos e, mesmo, eliminados.

Diz ele:

“A questão não é como se pôde cometer crimes tão hediondos contra seres humanos, mas por quais dispositivos jurídicos e políticos seres humanos puderam ser privados de seus direitos e prerrogativas a ponto de que qualquer ato cometido contra eles deixar de aparecer como delituoso.”

Esta pesquisa nos remete a essas problematizações: pensar o mundo que hoje habitamos e como enfraquecer as forças que nos constroem e que cada vez mais estão presentes também em nós. Para isto, pensamos ser fundamental conhecer um pouco de nossa História, de nossas resistências tão estigmatizadas, criminalizadas e, mesmo, negadas. Fazemos, por isso, nossas as palavras de Kalé Maxacali, índio da aldeia de Mikael, em Minas Gerais que dizia:

“Meu pai contou para mim,  
Eu vou contar para meu filho.  
E quando ele morrer?  
Ele conta para o filho dele.  
É assim: ninguém esquece.”

Obrigada Aquino por tão importante contribuição para a afirmação de nossas memórias e contra a hábil e eficiente produção do silenciamento e do esquecimento.

Pela Vida, Pela Paz. Tortura Nunca Mais!

**Cecília Maria Bouças Coimbra.**

Rio de Janeiro, primavera, outubro de 2009.  
Psicóloga, Professora Adjunta da UFF, Fundadora e atual Presidente do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ.